

CADERNO DE RESUMOS DO I COLITPSI

I COLÓQUIO DE LITERATURA E PSICANÁLISE DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

10 DE JULHO DE 2026



CADERNO DE RESUMOS DO I COLITPSI

I COLÓQUIO DE LITERATURA E PSICANÁLISE DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

ORGANIZAÇÃO
GUSTAVO JAVIER FIGLIOLO

LONDRINA 2026

REITORA

PROF^a. DR^a. ANDREA NAME

COLADO SIMÃO

VICE-REITOR

PROF. DR. MIGUEL BELINATI

PICCIRILLO

DIRETORA DO CENTRO DE LETRAS

E CIÊNCIAS HUMANAS

PROFA. DRA. LAURA TADDEI

BRANDINI

COORDENADOR

PROF. DR. GUSTAVO JAVIER

FIGLIOLO

COMISSÃO ORGANIZADORA

GUSTAVO JAVIER FIGLIOLO

COMISSÃO CIENTÍFICA

PROFA. DRA. CLÁUDIA CRISTINA FERREIRA

PROF. ME. ERIC ROSSENDO ROMERO

PROF. DR. GUSTAVO JAVIER FIGLIOLO

PROF. DR. HERMANO DE FRANÇA RODRIGUES

PROFA. MA. MARINA Z. BENEDETTI CHENSO

PROFA. DRA. SÔNIA PASCOLATI

ORGANIZAÇÃO DAS SESSÕES DE COMUNICAÇÃO

ALÉXIA VIRGÍNIA DE ASSIS

AMANDA CIRAQUE

BRENO ERNESTO RHODEN

CAIO AUGUSTO DE SOUZA

CALEBE RODRIGUES CALEFFI

ISABELA DA SILVA OLIVEIRA

MARCOS GABRIEL DA SILVA

RAFAELA DE SOUZA FALCONI

DESIGN GRÁFICO

GABRIEL ÁLVAR FAÉ FIGLIOLO

**Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da
Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C719c Colóquio de Literatura e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina
(1. : 2026 : Londrina, PR).

Caderno de resumos do I COLITPSI [recurso eletrônico] : I Colóquio
de Literatura e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina /
organização: Gustavo Javier Figliolo. – Londrina : UEL, 2026.
1 Livro digital.

Evento realizado em 10 de julho de 2026.

Disponível em: <https://colitpsi.netlify.app/#>

1. Literatura e psicanálise – Congressos – Resumos. I. Figliolo,
Gustavo Javier. II. Universidade Estadual de Londrina. III. Título.

CDU 82:159.964.2

Sumário

Bartleby, o escrevente melancólico: uma análise psicanalítica do personagem de Melville	3
Aléxia Virginia de Assis; Leonardo Matheus de Oliveira	
A perda de Tokai no conto “órgão independente”: uma perspectiva da crítica psicanalítica	4
Amanda Ciraque	
“A mim o que há de faltar-me”: Desejo e falta em <i>Inteira como um coice do universo</i>, de Cláudia R. Sampaio	5
Amanda Machado Sorgi	
O Espelho e a Constituição do Sujeito: uma leitura lacaniana do conto de João Guimarães Rosa	6
Andressa Oliveira Correa (UEL) ¹ Isabelle Fernanda dos Santos Lopes	
O espelho como um reflexo do desejo do Outro: os conceitos lacanianos de Simbólico, Imaginário e Real a partir do conto “O espelho” de Machado de Assis	7
Anna Julia Gabriel Demetino	
As Faces do Amor: O Real, o Simbólico e o Imaginário em “A Lente do Amor”	8
Anne Elis Ferreira Diniz Ramos; Júlia da Silva Gonçalves	
Memória, trauma e testemunho em Primo Levi: uma leitura psicanalítica de <i>É isto um homem?</i>	9
Antônio Martins da Silva Júnior	
Sentido e mistério: o símbolo e a arte como caminho da expressividade do inconsciente	10
Antonio Sanches Valera Neto	
Entre luto e melancolia: uma leitura das cartas de Camille Claudel	11
Bianca Eugenia Candido	
A dinâmica do desejo e o encontro com o Real em Wislawa Szymborska	12
Breno Ernesto Rhoden	
Algumas inferências dos tabus: uma análise do conto <i>Ossadas no quintal</i>	13
Caio Augusto de Souza	
Sujeito e linguagem na poesia de Manoel de Barros: uma leitura a partir da psicanálise	14
Caio José Fontequê Gaspar	
“Tu perdeu meu amor, e rezo para não achar. Pra onde tu vai, não vou, desgraça!”: (res)significando Rita em <i>A cartomante</i> como uma figura potente, à luz da	15
Calebe Rodrigues Caleffi	
Espelho, espelho meu: o duplo e a culpa no romance <i>A mulher do espelho</i> de Helena Parente Cunha	16
Carolina Montagnini do Nascimento	
Vale Penino e o objeto perdido: memória e desejo em “Para além das estradas”, de Lília Jorge	17
Déborah Cristina Stagliano	
“Eu é legião”: sobre o deslocamento enunciativo do sujeito em Alejandra Pizarnik	18
Diogo Pablos Florian	
A clínica do texto: a transposição dos operadores psicanalíticos e a leitura sintomal de Louis Althusser	19
Diogo Estevam Claudino da Silva	
Duas formas de elaborar a perda: uma leitura de <i>Luto e Melancolia</i> em <i>Não fossem as sílabas de sábado</i>	20
Fernanda Borges Lahmann	
Corpos em chamas: trauma, repetição e violência de gênero em <i>Coisas que perdemos no fogo</i>	21
Fernanda Costa Susigan	
O diário como manifestação do inconsciente em <i>Caderno Proibido</i>, de Alba de Céspedes	22
Isabela da Silva Oliveira	
Análise do poema “Soneto de separação”, de Vinícius de Moraes, sob o olhar de Lacan	23
Isabella Oliveira da Silva; Julia Lima da Silva	
O complexo de Édipo e seus desdobramentos no conto “Peru de Natal” de Mario de Andrade	24
Josué da Silva Oliveira	
Análise do romance “A morte de Ivan Ilitch”, de Liev Tolstói: uma leitura freudiana	25
Júlia Facco Guion de Paula	
O desejo de escrita em Roland Barthes	26
Laura Bittencourt Domingues Burgatti	
“Sei disso porque Tyler sabe disso”: nós vamos falar sobre o Clube da Luta	27
Letícia Chokr Rodrigues	

A pulsão de morte presente nos contos de “Noite na Taverna”, de Álvares de Azevedo	28
Luana Ribeiro de Azevedo	
Casa Tomada: Cortázar e o diálogo com o inconsciente em Freud.....	29
Marcos Gabriel da Silva	
Posse, Ciúme e Luto: Melancolia e alteridade em São Bernardo, de Graciliano Ramos.....	30
Maria das Graças Fonseca Moraes	
A representação do luto em “Despedida” de Rubem Braga	31
Maria Eduarda de Souza	
Real, Simbólico e Imaginário: A função do espelho na era das telas	32
Maria Luiza do Prado Teixeira	
O (In)Feliz Aniversário, uma análise do vazio	33
Maria Victória Veríssimo da Silva Gomes	
O desejo e o significante no conto “Amor” de Clarice Lispector	34
Mariah Martins Poletto; Rafaela De Souza Falconi	
Desejo e repressão atrás da Catedral de Ruão: um olhar psicanalítico sobre o conto de Mário de Andrade.....	35
Mateus José Guimarães de Abreu	
O desejo que queima: uma leitura psicanalítica do conto “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu	36
Matheus Oliveira da Silva	
“Enivrez-vous”: embriaguez, pulsão e sublimação na poesia <i>baudelaireana</i>.....	37
Michela Vieira Prestes	
O mal-estar do ex-mágico: uma leitura psicanalítica do conto de Murilo Rubião	38
Mikael Bezerra de Oliveira	
Pulsão de vida e pulsão de morte no conto <i>Cloro</i>, de María Fernanda Ampuero	39
Milena Migliorini Celinski	
O luto, o desejo e a morte	40
Milene Aguiar Costa Câmara	
O sentimento do mundo e a regressão narcísica na melancolia.....	41
Rebeca Guimarães Reinaldo; Antonio Cândido Martins da Silva	
Viver o luto na infância: ponderações a partir de <i>O pintor</i>, de Lygia Bojunga	42
Sonia Pascolati	
A obra <i>o Estrangeiro</i> pelos olhos da crítica literária psicanalítica: uma análise dos conceitos de Grande Outro e de pequeno outro na Argélia colonial	43
Tainá Cristina de Souza Eurinidio	
O infamiliar e o retorno do recalcado no poema “O Morcego”, de Augusto dos Anjos.....	44
Vitor da Silva Gonçalves	

Bartleby, o escrevente melancólico: uma análise psicanalítica do personagem de Melville

Aléxia Virginia de Assis (UEL)¹
Leonardo Matheus de Oliveira (UEL)²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise do personagem Bartleby do livro “Bartleby, o escrevente” de Herman Melville, à luz das teorias sobre a Melancolia de Sigmund Freud e Jacques Lacan. O escrevente se recusa a fazer qualquer serviço designado, mas permanece imóvel em seu local de trabalho, sua trajetória de recusas através da famosa frase “Preferiria não” se torna em uma recusa definitiva, que acarreta em uma entrega definitiva a seu iminente fim. A análise será feita com base no Seminário 10 de Lacan e na dissertação “A Identificação na melancolia: Do objeto perdido ao objeto a” de Clarissa Barreto, utilizando as descrições e observações feitas pelo narrador sobre Bartleby, com um foco nos acontecimentos da cena em que o chefe encontra Bartleby em seu escritório e o que se desenrola após este fato. A conclusão é de que Bartleby apresenta muitas características de alguém com Melancolia, demonstradas em seu comportamento e em seus momentos finais até sua morte.

Palavras-chave: Melancolia. Bartleby. Herman Melville. Literatura. Psicanálise.

¹ Discente do curso de Letras Francês da Universidade Estadual de Londrina.

² Discente do curso de Letras Francês da Universidade Estadual de Londrina.

A perda de Tokai no conto “órgão independente”: uma perspectiva da crítica psicanalítica

Amanda Ciraque (UEL)¹

Resumo: O artigo destina-se à análise do conto “Órgão Independente”, do autor japonês Haruki Murakami. A história aborda a personagem do Doutor Tokai e os acontecimentos narrados por ele próprio, pelo amigo Tanimura e o secretário Gotô, em dois momentos distintos do protagonista - a vida organizada pelo investimento libidinal, em funcionamento da dialética falta e desejo, com a prevalência da pulsão de vida, e o segundo tempo encaminha-se para um progressivo esvaziamento da energia psíquica do personagem, o esmorecimento do desejo e a consequente predominância da pulsão de morte. O objetivo é responder à pergunta - O que perde Tokai? Para além da mulher amada, é possível construir com a psicanálise que a perda se situa no circuito pulsional, o que Tokai pode ter experimentado é o encontro com o Real, o registro psíquico de mais difícil simbolização. Fundamentando-se na psicanálise de Sigmund Freud e Jacques Lacan, necessários para firmar o campo crítico nos conceitos da psicanálise, a metodologia utilizada para a psicanálise textual será bibliográfica-interpretativa. Deste modo, espera-se compreender como a dialética da pulsão de vida e pulsão de morte, é perturbada pela perda, sendo o sofrimento anoréxico e o esvanecimento do eu, o modo possível de gerenciar o encontro com o Real amoroso.

Palavras-chave: Psicanálise. Literatura Japonesa. Conto. Desejo. Falta. Real.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina.

“A mim o que há de faltar-me”: Desejo e falta em *Inteira como um coice do universo*, de Cláudia R. Sampaio

Amanda Machado Sorgi (UEL)¹

Resumo: Em poema de *Inteira como um coice do universo*, o eu-lírico de Cláudia R. Sampaio afirma: “a mim, o que há de faltar-me”, verso que sugere a falta no centro da experiência do sujeito poético. À luz desse e de outros poemas que integram a obra, esta proposta investiga de que modo os conceitos de falta, desejo e linguagem, desenvolvidos por Jacques Lacan, podem iluminar a construção da subjetividade nos textos de *Inteira como um coice do universo*. Parte-se da hipótese de que os textos do *corpus* configuram um sujeito marcado pela incompletude, para o qual o desejo emerge como efeito da falta e encontra na linguagem poética sua forma de expressão, na qual a falta se articula como experiência simbólica. No desenvolvimento da pesquisa, elege-se como método a crítica literária psicanalítica, buscando analisar como elementos da psicanálise se articulam na construção de sentidos dos poemas de Cláudia R. Sampaio.

Palavras-chave: Falta. Desejo. Linguagem. Cláudia R. Sampaio. Jacques Lacan.

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina.

O Espelho e a Constituição do Sujeito: uma leitura lacaniana do conto de João Guimarães Rosa

Andressa Oliveira Correa (UEL)¹

Isabelle Fernanda dos Santos Lopes (UEL)²

Resumo: A partir da articulação da teoria lacaniana e o conto "O Espelho", de João Guimarães Rosa, este resumo busca analisar o processo de constituição da identidade e da subjetividade a partir da inserção do sujeito no Imaginário e no Simbólico. Na teoria de Jacques Lacan, o estádio do espelho corresponde a uma identificação do lactente com sua imagem especular, percebida como totalizada e unificada, em contraste com sua desordem motora. Tal identificação introduz o registro do Imaginário, produzindo uma imagem idealizada de si, sustentada pela ilusão de completude. Além disso, por meio da palavra e da introdução do bebê no campo da linguagem, a função materna possibilita sua instauração no registro do Simbólico, submetendo-o aos significantes do Outro. Entretanto, uma vez que o sujeito é acolhido por um discurso atravessado pelos desejos, expectativas e fantasias daqueles que ocupam a função de cuidado, o bebê passa a constituir-se a partir dos significantes que o precedem, alienando-se tanto aos significantes do Outro quanto à imagem idealizada de si. Em diálogo com essa teoria, Guimarães Rosa apresenta um personagem que, a partir do confronto com sua própria imagem refletida, busca desvencilhar-se das identificações que o constituem, revelando a inconsistência estrutural do eu e a impossibilidade de acesso a uma existência autônoma e centrada em si mesmo. Nesse sentido, o conto possibilita refletir sobre o papel da imagem e dos significantes do Outro na constituição do sujeito. Ao apresentar um movimento inverso da teoria lacaniana, no qual o personagem procura desfazer as identificações que o constituem, evidencia-se tanto a importância dessas identificações para a formação do eu quanto a fragilidade de sua sustentação na imagem e no olhar do Outro, reforçando a ideia de que o sujeito se organiza a partir relação com o outro.

Palavras-chave: Estádio do espelho. Jacques Lacan. Constituição do sujeito. O espelho. João Guimarães Rosa.

¹ Discente do curso de psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

² ² Discente do curso de psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

O espelho como um reflexo do desejo do Outro: os conceitos lacanianos de Simbólico, Imaginário e Real a partir do conto “O espelho” de Machado de Assis

Anna Julia Gabriel Demetino (UEL)¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar os registros lacanianos de Simbólico, Imaginário e Real a partir da análise e interpretação do conto “O espelho”, de Machado de Assis. Na obra de 1882, recolhida do livro *Papeis Avulsos*, o personagem Jacobina utiliza de uma história de sua juventude para ilustrar sua tese de que o ser humano possui duas almas: uma que olha de dentro para fora, e outra que olha de fora para dentro. No caso, o personagem narra como, quando jovem, foi nomeado como alferes da Guarda Nacional, e isso se tornou a sua segunda alma, isto é, a sua identidade a partir das definições e conceitos do mundo exterior. Ao se perceber sozinho em sua residência, o personagem se sente em profundo desamparo, porque sem o significante do mundo exterior, sua identidade perde sentido, e o espelho se torna um objeto chave de representação. O presente trabalho tem como objetivo relacionar o conceito posto pela personagem da duplicidade da alma como representação do Simbólico e do Imaginário, respectivamente, e o espelho como metáfora para o Outro, que a partir do desejo, nos configura.

Palavras-chave: Machado de Assis. Psicanálise. Literatura.

¹ Discente do Curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

As Faces do Amor: O Real, o Simbólico e o Imaginário em “A Lente do Amor”

Anne Elis Ferreira Diniz Ramos (UEL)¹

Júlia da Silva Gonçalves (UEL)²

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise interdisciplinar do texto literário "A Lente do Amor", escrito por Fernanda Young, articulando suas metáforas viscerais aos conceitos fundamentais de Imaginário, Real e Simbólico propostos por Jacques Lacan. A obra de Young descreve com precisão a transição dolorosa da "miopia dos amantes histéricos", intrinsecamente vinculada à idealização narcísica e ao estágio do espelho, para um estado de visão nítida que revela a crueza biológica e a alteridade absoluta do outro. Essa mudança radical de perspectiva, simbolizada por uma "lente que adere à retina e traz a realidade para a paixão", é interpretada aqui como o traumático encontro com o Real lacaniano, representado no texto por tudo aquilo que é cru e orgânico, que resiste a qualquer tipo de simbolização. Já nos versos seguintes, o efeito do Simbólico emerge no discurso da autora, quando ela relata que “os olhos podem descansar do criativo”, ela assume uma introjeção da realidade pura – ela como imperfeita - e discorre sobre um limite simbólico que constitui o sujeito e o mantém separado do objeto de amor, funcionando como uma âncora para impedir o afogamento deste sujeito na demanda do Outro. Nesse campo, aprende-se a renunciar a idealização do amor como algo perfeito, como Fernanda. No desdobrar-se do poema, Young relata o desfazer da paixão em amor, como um processo austero, reconhecendo ao fim o quê pertence a ordem do Imaginário ao dizer “não dando mais para ver-se – vê-se o outro”, já que é nesse campo que o sujeito passa a se reconhecer sob o olhar do outro, intercala-se com o estágio do espelho, onde há o reflexo, a aparência e a identificação. Para encerrar, a poeta finaliza “então há o horror, e por fim, que é começo, o amor” esclarecendo que é característico da imagem falsear, mas também sustentar.

Palavras-chave: Literatura. Psicanálise. Lacan. Amor.

¹ Discente do Curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

² Discente do Curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina

Memória, trauma e testemunho em Primo Levi: uma leitura psicanalítica de *É isto um homem?*

Antônio Martins da Silva Júnior (UEL)¹

Resumo: Esta comunicação propõe analisar o testemunho de Primo Levi, escritor italiano sobrevivente dos horrores dos *lagers* do III Reich, em *É isto um homem?*, livro publicado em 1947, no qual Levi nos lega um relato indelével da experiência concentracionária, da libertação dos prisioneiros de Auschwitz e da condição judaica durante a Segunda Guerra Mundial. Sua escrita é marcada pela tensão entre memória e esquecimento, mobilizando categorias como trauma e sublimação em um contundente relato dos acontecimentos vividos nos campos de concentração. O objetivo desta comunicação é propor uma leitura da obra de Levi a partir da psicanálise e da teoria literária, especialmente com base na tríade freudiana *relembrar, repetir e elaborar* (Freud, 2010) e sua relação com os processos de reedição simbólica pela linguagem. Partimos, portanto, do problema de como o testemunho (Seligmann-Silva, 2008) de Primo Levi articula memória e trauma em termos psicanalíticos e, com isso, sustentamos a hipótese de que tal testemunho evidencia os limites da simbolização da experiência traumática, manifestos nas tensões entre lembrança, repetição e elaboração no nível narrativo. Nesse sentido, investigam-se as formas de elaboração mnemônica (Candau, 2013) e os processos de constituição identitária do narrador-testemunha diante dessas experiências. Assim, o antissemitismo europeu e as transformações psíquicas decorrentes da guerra configuram-se como eixos estruturantes da narrativa, na qual trauma, memória e sublimação emergem como categorias centrais de organização do relato, expondo tensões entre forma e conteúdo no testemunho de Primo Levi.

Palavras-chave: Testemunho. Sublimação. Memória. Trauma. Holocausto.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina.

Sentido e mistério: o símbolo e a arte como caminho da expressividade do inconsciente

Antonio Sanches Valera Neto (UEL)¹

Resumo: A psicologia analítica tem na representação simbólica um dos elementos formadores e fundamentais na sua concepção. Carl G. Jung ao desenvolver seu método psicanalítico observou minuciosamente em como essa representação se faz atuante no inconsciente, e como ela se manifesta através de diferentes valores simbólicos atribuídos à criatividade humana, desde a arquitetura e a literatura até as artes em geral. Em nosso estudo embasado na sua obra propedêutica escrita em conjunto com seus discípulos, *O homem e seus símbolos*, analisamos como essa relação da manifestação dos jogos simbólicos, presente no inconsciente humano, se externaliza através do seu aspecto expressivo, sobretudo nas artes visuais dos movimentos modernistas. Na presente análise, começamos a busca dessa compreensão da expressividade do inconsciente na arte, inicialmente por meio dos caracteres primitivos oriundos da criatividade humana. A qual, suas ideias e formas incipientes são impressas pela escultura e arte paleolítica. Chegando até à noção mais pura do abstrato em equivalência ao concreto desconstruído pelas ideias das vanguardas modernistas. Não temos a intenção de compará-las, e muito menos julgar seu valor estético, mas somente buscar captar como seu simbólico reflete na condição humana na pós-modernidade, considerada por Jung, uma condição de perda espiritual e vazio de valores. Além do inconsciente na concepção analítica, uma consideração importante que temos também em nossa análise, é apresentar dois fenômenos importantes da psicologia junguiana; O valor simbólico do “círculo” e o perfil do “homem massificado”, sendo o segundo fenômeno identificado por Jung e seus discípulos, através do negativismo radical imaginado pelo surrealista Giorgio De Chirico, o principal expoente da arte metafísica. Portanto, após essa breve apresentação, para finalizar temos como nossa temática basilar, analisar essencialmente a problemática referente à perda espiritual na pós-modernidade, e como o inconsciente manifesta sua divergência por essa perda por meio de sua expressividade, impressa por sua vez, na arte moderna.

Palavras-chave: Psicanálise. Símbolos. Arte moderna. Nihilismo. Pós-modernidade.

¹ Discente do curso de Letras Português da Universidade Estadual de Londrina.

Entre luto e melancolia: uma leitura das cartas de Camille Claudel

Bianca Eugenia Candido (UEL)¹

Resumo: O presente estudo propõe uma leitura das cartas da escultora francesa Camille Claudel (1864-1943) a partir da formulação freudiana sobre luto e melancolia, considerando a escrita da autora em sua relação com a perda e o desamparo. A comunicação toma como corpus cartas endereçadas a diferentes destinatários, nas quais o sofrimento aparece associado tanto à ruptura de vínculos quanto à privação de liberdade. A análise mobiliza os conceitos de luto e melancolia como operadores de leitura, sem reduzir os textos a diagnóstico clínico. Pretende-se examinar de que modo as cartas de Claudel apresentam perdas que permanecem em aberto e interferem na relação da autora consigo mesma, com os outros e com as condições concretas de sua existência. Desse modo, a comunicação busca discutir como sua escrita permite pensar, no encontro entre psicanálise e literatura, os modos pelos quais o sofrimento psíquico se inscreve na linguagem epistolar.

Palavras-chave: Camille Claudel. Luto. Melancolia. Psicanálise. Epistolografia.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina.

A dinâmica do desejo e o encontro com o Real em Wislawa Szymborska

Breno Ernesto Rhoden (UEL)¹

Resumo: A presente comunicação propõe a análise do poema “Conversa com a Pedra” (1998), da poeta polonesa Wislawa Szymborska, sob uma abordagem crítica psicanalítica, buscando ler a obra segundo postulados teóricos como o Real lacaniano e a dinâmica do desejo. O poema narra o diálogo entre um eu-lírico e uma pedra, no qual o primeiro empenha-se em adentrar o interior do objeto, buscando conhecer a beleza e os mistérios do nunca visto. No entanto, a pedra nega-lhe a entrada, afirmando-se hermeticamente fechada e, ainda, que lhe faltaria o “sentido de participação” para tal tentativa. É a partir desse embate que buscaremos identificar como o movimento do eu-lírico no poema pode ser compreendido segundo a trajetória do sujeito que se lança ao mundo em busca do que lhe falta, a fim de concretizar desejos, ambições e responder a angústias e questionamentos. Nessa busca, o eu-lírico depara-se com negações, interdições e incompreensões de um todo que o cerca, representado por meio da natureza impenetrável da pedra, que, segundo o olhar teórico adotado, se revelaria como o Real, ou seja, aquilo que é intransponível, indizível e que se faz inominável. Assim, caminhamos para o entendimento de que o poema desloca o foco da busca externa por sentido, indicando que o verdadeiro encontro não ocorre pela penetração no objeto mundo afora, mas sim pelo confronto com o vazio e a impossibilidade que habitam o núcleo da subjetividade de cada sujeito. Compreendendo, assim, que à medida que se procuram formas de explicação no e pelo outro, depara-se com o desentendimento de si mesmo, confrontando aquela parcela que nunca se deixa saber, em que não há porta pela qual entrar, tal qual a pedra.

Palavras-chave: Wislawa Szymborska. Real. Desejo. Crítica psicanalítica.

¹ Graduado em Letras Português pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Algumas inferências dos tabus: uma análise do conto *Ossadas no quintal*

Caio Augusto de Souza (UEL)¹

Resumo: A proposta de comunicação coaduna as obras *Sociedade da transparência* (Han, 2017) e *Totem e Tabu* (Freud, 2012) para cotejar o conto *Ossadas no quintal*, presente na coletânea *Pequenas Tiranhas* (Valek, 2015). O enredo consiste em um universo semelhante ao cotidiano, entretanto, com um detalhe crucial, por vezes, são encontradas ossadas de dinossauros nas casas dos moradores. O elemento insólito é substancial, pois os terrenos tem de ser revirados, gerando um grande impacto na vida das famílias porque os residentes, que encontram os ossos, são mal falados e quase que expulsos da vida em sociedade. Desse modo, acompanhamos o percurso de Teresinha, uma mulher que descobriu recentemente a existência de um filhote de dinossauro em seu jardim; o medo é tanto que várias vezes pensa em se desfazer dele, mas acaba cuidando do animal até que, por fim, é morta por ele. Em suma, a protagonista o alimenta com cautela, promovendo seu desenvolvimento a ponto de que, certo dia, o dinossauro a devore para saciar sua fome voraz. Destaca-se que tudo indica que o dinossauro represente uma metáfora (provável que de vigilância e controle), porém, a escassez de detalhes sobre o fenômeno das ossadas – e, no caso de Teresinha, do próprio animal – abre para inúmeras leituras do que seria essa analogia. Por conseguinte, como esta obra de Valek aborda muitos “absurdos” do contemporâneo, optamos por tratar das implicações sociais ocasionadas por ter a ossada e/ou o próprio animal pela ótica de um tabu – enfatizando o sufocamento proveniente de uma demanda social quase inexplicável, como é a exigência de padronização social, em que pequenas distinções podem gerar um imenso incômodo –, partindo da noção inicial do tabu das ossadas e estendendo-a para a do indivíduo, a se tornar o tabu em suas relações sociais.

Palavras-chave: Psicanálise. Literatura. Filosofia. Tabu. Sociedade.

¹ Mestrando em Letras na Universidade Estadual de Londrina.

Sujeito e linguagem na poesia de Manoel de Barros: uma leitura a partir da psicanálise

Caio José Fontequê Gaspar (UEL)¹

Resumo: Propõe-se aqui uma leitura de alguns poemas que compõem a obra *Retrato do artista quando coisa* (1998), de Manoel de Barros, a partir da interface entre literatura e psicanálise, privilegiando uma abordagem centrada no texto enquanto espaço de manifestação do inconsciente. Em diálogo com as formulações de Sigmund Freud (*Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*, 1996) e Jacques Lacan (*Escritos*, 1998), parte-se da hipótese de que a linguagem poética, nesses poemas, não se limita à representação do mundo, mas opera segundo uma lógica próxima ao funcionamento do inconsciente, marcada por deslocamentos, condensações, repetições e rupturas da ordem referencial. A análise busca evidenciar que o sujeito poético não se apresenta como centro da enunciação, mas como efeito da cadeia significante, sendo atravessado por elementos do mundo e da linguagem que funcionam como operadores simbólicos. Nesse contexto, a valorização do “insignificante” (insetos, sapos, latas, ciscos) indica uma reorganização do campo do desejo, em que o resto e o rejeitado adquirem centralidade. Além disso, a infância não aparece apenas como tema, mas como modo de funcionamento da linguagem e entendimento da realidade, aproximando o texto do processo primário e de uma lógica não hierárquica de produção de sentido. Por fim, argumenta-se que a poesia de Manoel de Barros configura um espaço de sublimação, no qual a palavra, atravessada pelo desejo, transforma o mundo ao mesmo tempo em que produz o sujeito, em um reiterado processo de mútua reinvenção. Assim, o texto literário é compreendido como lugar de encenação do inconsciente, no qual se torna possível apreender, ainda que de forma parcial, as dinâmicas da falta, do desejo e da constituição simbólica.

Palavras-chave: Manoel de Barros. Poesia. Psicanálise. Sujeito. Linguagem.

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina.

**“Tu perdeu meu amor, e rezo para não achar. Pra onde tu vai, não vou, desgraça!”:
(res)significando Rita em *A cartomante* como uma figura potente, à luz da
figuração da Pombagira e aos estudos psicanalíticos**

Calebe Rodrigues Caleffi (UEL)¹

Resumo: A presença feminina na literatura foi, em grande parte, estereotipada e raras vezes era direcionado o papel de protagonista ou figura central da trama. Ora era representada com inferioridade, ora como objetificação, carregada de visões sexistas e misóginas. A "desgraça" sempre esteve acompanhada da figuração da mulher, uma vez que qualquer tipo de desvirtuamento ou fracasso existente para com a figura masculina, ela era a culpada e, por isso, estaria fadada ao eterno sofrimento e espaço de subalternidade. Nesse sentido, o presente trabalho busca através do conto *A cartomante* do escritor Machado de Assis, compreender como historicamente o feminino, representado pela personagem Rita foi associado à decadência e degradação moral, mas que agora é (res)significado na canção *Desgraça*, da cantora Anitta, como expressão de autonomia, desejo e potência subjetiva a partir da figuração da Pombagira. Nesse sentido, a metodologia adotada consiste em uma pesquisa bibliográfica, associada à análise comparativa e intertextual dos corpus selecionados. A investigação apoia-se em estudos sobre literatura, sexualidade feminina, figurações e religiosidade (Beauvoir, 1949; Louro, 2000; Butler, 2003; Barro, 2006; Moura, 2018), além de referenciais psicanalíticos que possibilitam interpretar os conflitos, impulsos e desejos existentes (Freud, 1914; 1930; Lacan, 1966; 1988; 2008; Kristeva, 1980). Conclui-se que Rita pode ser compreendida como uma personagem que desafia convenções sociais ao seguir seus desejos e recorrer à cartomante em busca de segurança para suas escolhas afetivas. De forma semelhante, a canção de Anitta mobiliza símbolos ligados à liberdade, ao prazer e à ruptura de normas morais. Nesse contexto, a pesquisa estabelece aproximações entre Rita e Pombagira, tendo em vista que o feminino em *A Cartomante* expressa o desejo preso ao destino, à crença no Outro e à tragédia do simbólico, enquanto em *Desgraça*, ocorre a ressignificação contemporânea da mulher que rompe com a posição de abjeto e reconfigura o estigma em controle e ousadia.

Palavras-chave: Protagonismo feminino. Figurações. Rita. Pombagira. Transgressão.

¹ Graduado em Letras Espanhol pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e atualmente mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) pela mesma instituição de ensino Discente do Curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

Espelho, espelho meu: o duplo e a culpa no romance *A mulher do espelho* de Helena Parente Cunha

Carolina Montagnini do Nascimento (UEL)¹

Resumo: Este trabalho analisará o romance *A mulher do espelho* (1983), de Helena Parente Cunha, a partir do motivo do duplo especular, compreendido como representação do conflito identitário feminino e da internalização da culpa em uma sociedade patriarcal. A narrativa apresenta uma mulher de meia-idade que dialoga com seu reflexo no espelho, instaurando a cisão do “eu” entre a mulher diante do espelho, associada à submissão e à autocensura, e a mulher do espelho, inicialmente caracterizada por uma postura transgressora. Amparada em estudos sobre o duplo, na crítica feminista e em conceitos da psicanálise freudiana, tal análise propõe uma leitura segundo a qual a figura especular constitui uma manifestação da culpa, evidenciando a divisão subjetiva produzida pela internalização de valores patriarcais. Ao longo do romance, a inversão das posições do duplo evidencia que a culpa não se vincula a um comportamento específico, mas acompanha a mulher independentemente de suas escolhas, funcionando como mecanismo de vigilância internalizada. Conclui-se que Helena Parente Cunha problematiza a identidade feminina como instável e fragmentada, denunciando os modos sutis de controle que operam na interioridade da mulher e reafirmando a literatura como espaço crítico de questionamento das normas patriarcais.

Palavras-chave: Duplo. Espelho. Culpa. Psicanálise. Literatura de autoria feminina.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina.

Vale Penino e o objeto perdido: memória e desejo em "Para além das estradas", de Lídia Jorge

Déborah Cristina Stagliano (UEL)¹

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura psicanalítica do conto "Para Além das Estradas", de Lídia Jorge, a partir das contribuições de Sigmund Freud e Jacques Lacan acerca da memória, da falta e do desejo. No enredo, o narrador retorna, por meio da lembrança, ao espaço de Vale Penino, lugar afastado dos percursos habituais e profundamente marcado pelos afetos da infância. Mais do que cenário, esse espaço assume a função de território psíquico, em que se condensam experiências, perdas e vestígios de um tempo irrecuperável. Partindo da compreensão freudiana de que a memória não reproduz o passado de forma fiel, mas o reconstrói segundo os investimentos afetivos do sujeito, busca-se investigar como o retorno às lembranças produz uma elaboração simbólica da perda. Em diálogo com Lacan, analisa-se de que modo o Vale Penino pode ser compreendido como figuração de um objeto perdido que permanece sustentando o desejo do narrador. Assim, o movimento de rememoração não se configura como tentativa de recuperação do passado, mas como reencontro com a falta que estrutura o sujeito. A análise pretende demonstrar que a escrita de Lídia Jorge transforma o espaço lembrado em lugar de inscrição do desejo, além de destacar a literatura como campo privilegiado para a elaboração das relações entre memória, identidade e subjetividade. Logo, o conto evidencia a permanência do passado na constituição do sujeito e a impossibilidade de preenchimento daquilo que foi perdido.

Palavras-chave: Memória. Desejo. Psicanálise. Lídia Jorge. Literatura Portuguesa.

¹ Doutoranda em Letras na Universidade Estadual de Londrina.

“Eu é legião”: sobre o deslocamento enunciativo do sujeito em Alejandra Pizarnik

Diogo Pablos Florian (UEL)¹

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão sobre as variações de assinatura presentes na obra *Nueva Correspondencias* (2017) e *Cartas* (2012), de Alejandra Pizarnik, tomando como objeto de análise as epístolas em que a autora mobiliza diferentes formas de nomeação de si. Partindo da hipótese de que tais deslocamentos não configuram meras estratégias estilísticas, pseudônimos ocasionais ou heterônimos, mas evidenciam um processo de fragmentação e reinscrição da subjetividade dividida na linguagem, busca-se compreender de que modo a nomeação de si e a assinatura operam como espaço privilegiado de manifestação do sujeito fragmentado e do deslocamento desse sujeito na própria linguagem. Tem-se, como suporte teórico, as reflexões de Jacques Lacan (1979, 1998, 2003), Jacques Derrida (1991, 2002) e Michel Foucault (2009). Para tanto, mobilizamos também discussões acerca da teoria da epístola com textos de Brigitte Diaz (2002) e Philippe Lejeune (2008). Ao estabelecer aproximações entre literatura, epístolas e psicanálise, busca-se evidenciar que, na escrita epistolar de Pizarnik, a assinatura constitui mais do que um gesto de autenticação autoral: ela se converte em um lugar de experimentação subjetiva, no qual se inscrevem tensões entre identidade, linguagem e desejo. Desse modo, o estudo contribui para os debates que articulam literatura, psicanálise e filosofia da linguagem, lançando luz sobre a escrita epistolar como espaço de experimentação e fragmentação subjetiva.

Palavras-chave: Alejandra Pizarnik. Literatura. Psicanálise.

¹ Doutorando em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Londrina.

A clínica do texto: a transposição dos operadores psicanalíticos e a leitura sintomal de Louis Althusser

Diogo Estevam Claudino da Silva (UEL)¹

Resumo: Este trabalho analisa a transposição dos operadores conceituais da psicanálise freudo-lacaniana para o pensamento de Louis Althusser, demonstrando como essa articulação redefine radicalmente o ato de ler e fundamenta a prática da leitura sintomal. Cabe à metapsicologia freudiana e à abordagem estruturalista de Lacan fornecer o modelo clínico-operacional para decifrar o discurso teórico. O texto deixa de ser encarado sob uma concepção religiosa ou hermenêutica de leitura, que busca o desvelamento linear de sentidos ocultos ou a expressão de uma consciência soberana, e passa a ser compreendido em sua dupla dimensão: a superfície explícita do enunciado manifesto e a latência de seu avesso invisível. A topologia do inconsciente, o automatismo de repetição e o primado do significante puro, analogamente extraído da dinâmica de *A Carta Roubada* de Poe, funcionam como ferramentas lógicas que reposicionam o sujeito no ato de ler. O autor genial cede lugar ao leitor e ao cientista enquanto suportes arremessados na rede posicional da estrutura teórica. O inconsciente do texto manifesta-se, portanto, em suas lacunas, fraturas e silêncios positivos, índices daquilo que a problemática de uma obra é incapaz de formular na consciência de sua época. Para ler tais lapsos à revelia das intenções do autor, Althusser opera com a categoria psicanalítica de sobredeterminação. O conceito analítico, assim como o sintoma clínico, não possui origem unívoca, mas constitui um ponto de condensação e deslocamento de múltiplas determinações. Conclui-se que a leitura sintomal se consolida como uma clínica do texto, um método aberto que recusa garantias apriorísticas e extrai a produção do novo conhecimento do diagnóstico das fissuras por onde vaza o real do pensamento.

Palavras-chave: Leitura sintomal. Inconsciente do Texto. Sobredeterminação. Significante Puro. Problemática.

¹ Discente do Curso de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina.

Duas formas de elaborar a perda: uma leitura de *Luto e Melancolia* em *Não fossem as sílabas de sábado*

Fernanda Borges Lahmann (UEL)¹

Resumo: Este artigo propõe realizar uma leitura psicanalítica do romance *Não fossem as sílabas de sábado* (2023), de Mariana Salomão Carrara, a partir da teoria freudiana formulada em *Luto e Melancolia* (2013). A narrativa acompanha duas mulheres, Ana e Madalena, cujas vidas são entrelaçadas pela perda de seus companheiros em um mesmo acidente. A hipótese é que as personagens representam formas distintas de elaboração da perda, aproximando-se em diferentes momentos do trabalho de luto e melancolia descritos por Freud. Enquanto Ana luta para que o objeto perdido psiquicamente permaneça presente, resiste a novos investimentos do desejo para outros objetos — como o afeto pela filha recém nascida —, Madalena demonstra maior capacidade de simbolizar a ausência do objeto perdido, o marido, sem trair a memória deste, o que aponta maior proximidade ao trabalho de luto descrito por Freud. Nesse sentido, para sustentar a hipótese serão analisadas a construção narrativa das personagens, especialmente a relação com a memória, a maternidade, o desejo e a possibilidade de retorno à experiência cotidiana. Sendo assim, a análise pretende demonstrar que o romance não apenas elabora a perda, mas constrói, por meio dos contrastes e semelhanças entre suas protagonistas, uma reflexão sobre os diferentes modos pelos quais o sujeito responde ao trauma da ausência. Desse modo, entende-se que a obra de Carrara estabelece um diálogo com a teoria de Sigmund Freud, valendo-se da literatura contemporânea como espaço de representação das complexidades da vida psíquica.

Palavras-chave: Luto. Melancolia. Psicanálise. Mariana Salomão Carrara. Literatura feminina.

¹ Graduada em Letras Português pela Universidade Estadual de Londrina. Mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Londrina.

Corpos em chamas: trauma, repetição e violência de gênero em *Coisas que perdemos no fogo*

Fernanda Costa Susigan (UEL)¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar o conto *Coisas que perdemos no fogo*, da escritora argentina Mariana Enríquez, a partir da teoria psicanalítica de Sigmund Freud. A pesquisa busca refletir sobre os traumas e as repetições vivenciadas pelas mulheres representadas na narrativa, evidenciando como a violência de gênero se manifesta de maneira recorrente tanto no âmbito individual quanto coletivo. No conto, as personagens femininas, marcadas pelas agressões sofridas em relações violentas, iniciam um movimento de resistência por meio da autodestruição dos próprios corpos, utilizando o fogo como forma de protesto e enfrentamento do sofrimento vivido. Nesse sentido, a análise do trauma e da compulsão à repetição torna-se fundamental para compreender as dinâmicas psíquicas presentes na obra. Para isso, realiza-se uma análise bibliográfica e literária fundamentada nos estudos de Freud (2016), Bachelard (2008) e Carroll (1910), articulando conceitos da psicanálise e da literatura de horror contemporânea. Assim, pretende-se compreender de que maneira o conto utiliza o horror e o corpo feminino como espaços simbólicos de representação da dor, da violência e da resistência feminina.

Palavras-chave: Fogo. Violência de gênero. Trauma. Repetição. Literatura do horror.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Londrina

O diário como manifestação do inconsciente em *Caderno Proibido*, de Alba de Céspedes

Isabela da Silva Oliveira (UEL)¹

Resumo: A presente comunicação propõe uma análise do romance *Caderno Proibido*, de Alba de Céspedes, a partir da teoria psicanalítica desenvolvida por Sigmund Freud em *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, buscando compreender de que maneira a escrita íntima da protagonista manifesta conteúdos inconscientes reprimidos ao longo de sua vida cotidiana. A narrativa, estruturada por meio de um diário secreto, evidencia o surgimento de conflitos subjetivos que passam a emergir à medida que a personagem escreve sobre sua rotina, seus desejos, angústias e frustrações. Nesse sentido, o diário deixa de ocupar apenas a função de registro pessoal e transforma-se em um espaço de revelação psíquica, no qual o inconsciente rompe a superfície disciplinada da vida doméstica e social. A partir de conceitos como repressão, retorno do reprimido e manifestação inconsciente na linguagem cotidiana, pretende-se discutir como a escrita atua como um dispositivo de desestabilização da identidade da protagonista, permitindo que ela perceba aspectos de si anteriormente silenciados. Desse modo, o trabalho busca refletir sobre as relações entre literatura, escrita íntima e subjetividade feminina, compreendendo o diário como espaço de emergência do inconsciente.

Palavras-chave: Psicanálise. Escrita íntima. Inconsciente. Subjetividade feminina. Diário.

¹ Graduada do Curso de Letras Português da Universidade Estadual de Londrina.

Análise do poema “Soneto de separação”, de Vinícius de Moraes, sob o olhar de Lacan

Isabella Oliveira da Silva (UEL)¹

Julia Lima da Silva (UEL)²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo mostrar como se articulam os conceitos de Real, Simbólico e Imaginário da teoria lacaniana no poema “Soneto de separação” de Vinícius de Moraes. Há uma quebra no Imaginário no início do poema a partir do momento que a imagem antecipa o que o sujeito ainda não é e, justamente por isso, o sujeito nasce alienado. Passa a se ver a partir de fora, a existir sob o olhar do outro. No verso “De repente do riso fez-se o pranto” pode-se ver que é o Real invadindo a cena. Não como o oposto do imaginário, nem um “mundo material”, mas como o núcleo de impossibilidade em torno do qual o sujeito gira, o que nunca se inscreve totalmente no Simbólico e, por isso, retorna em forma de angústia, sintoma ou sonho. O Simbólico que nos humaniza e, paradoxalmente, nos separa daquilo que somos, campo da linguagem, das leis e das normas que nos antecedem. No entanto, quando o Real aparece, o sujeito sente que o chão se desfaz. A linguagem não basta, o corpo se torna estranho, o tempo perde sentido. Tentar-se-á mostrar como esses conceitos aparecem no poema analisado.

Palavras-chave: Lacan. Amor. Real. Simbólico. Imaginário.

¹ Discente do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

² Discente do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

O complexo de Édipo e seus desdobramentos no conto “Peru de Natal” de Mario de Andrade

Josué da Silva Oliveira (UEL)¹

Resumo: Para a teoria psicanalítica freudiana, conhecer a relação do indivíduo com seus pais é vital para compreender sua constituição psíquica, tal a importância veio a inspirar o conceito na psicanálise de complexo de Édipo. Durante seus estudos, Freud observou que o indivíduo quando está nos seus anos iniciais de vida, tem mais apego a um dos pais e acaba por odiar o outro, por conseguinte essa relação ganha mais ambiguidade conforme o indivíduo cresce e compreende que objeto amado e odiado podem ocupar o mesmo lugar. Neste presente artigo, será analisado como esse complexo de Édipo se expressa no conto de Mário de Andrade, “peru de natal”. O poeta escreve a narrativa do protagonista Juca, que após meses do falecimento do seu pai, durante o natal quer fazer algo que a família tem receio, comer um peru no natal, tal ato é tradição familiar, uma tradição vinculado a bons e alegres momentos, mas que devido ao sentimento geral de luto estava sendo evitado, entretanto Juca deseja comer peru no natal, já que ele acredita fielmente que está na hora da sua família superar a morte do pai, pai esse que Juca tinha seus sentimentos conflituosos. Durante todo o conto, a relação edípica vai se mostrando nos pensamentos e ações do protagonista, na sua relação com o pai e com as mulheres que compõem sua vida, e ao final do conto o complexo de Édipo tem seu desfecho.

Palavras-chave: Édipo. Objeto de amor. Mário de Andrade. Literatura. Psicanálise.

¹ Discente do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

Análise do romance “A morte de Ivan Ilitch”, de Liev Tolstói: uma leitura freudiana

Júlia Facco Guion de Paula (UEL)¹

Resumo: No romance “A morte de Ivan Ilitch”, de Liev Tolstói, é narrada a trajetória de um juiz russo de classe média, que em um acidente cotidiano passa a enfrentar os sintomas de sua doença terminal, passando a questionar sua vida vazia, baseada em convenções sociais, aparências e relações superficiais. Este estudo parte de uma análise com viés psicanalítico do conto de Tolstói, considerando ao decorrer do desenvolvimento do personagem sua pulsão de morte exaltada na descrição de seu cotidiano - na necessidade constante de reviver momentos desprazerosos, em uma tentativa do psiquismo de dominar a energia relacionada a eles. Além disso, é possível constatar a consolidação de seu superego no decorrer da trama, influenciada por processos que permaneceram de alguma forma inconscientes, como impulsos reprimidos do eu, que geraram um sentimento de culpa em suas revoltas, sendo passível de consideração também a angústia vivida pelo personagem em relação a sua consciência moral - que exibe uma percepção ameaçadora de sua realidade, em um processo interno de melancolia frente suas escolhas durante toda vida. Dessa forma, o objetivo principal é explicitar o processo de leitura e interpretação desde o eixo literatura-psicanálise através da conexão dos conceitos postulados por Sigmund Freud que podem ser vislumbrados na narrativa de Tolstói.

Palavras-chave: Tolstói. Crítica psicanalítica. Angústia. Consciência moral.

¹ Discente do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

O desejo de escrita em Roland Barthes

Laura Bittencourt Domingues Burgatti (UEL)¹

Resumo: De acordo com a teoria de Lacan, o desejo é formado a partir de uma falta estrutural, que é produzida pela inserção do sujeito no que o autor chama de uma ordem simbólica, que representa o mundo da linguagem, das normas, e das relações sociais. Sendo assim, o desejo não consegue encontrar um objeto capaz de satisfazê-lo plenamente, se manifestando como um constante movimento de busca por algo que sempre algo inalcançável, um “objeto que nunca está ali, que está sempre situado em outro lugar, que é sempre outra coisa.” (Lacan, 1999, p. 22) Em 1977, Roland Barthes perde sua mãe, Henriette Barthes, e a experiência do luto vivida por ele afeta radicalmente essa condição de falta. No início de *La préparation du roman* (2003), um de seus cursos no Collège de France, o autor descreve essa perda como um acontecimento capaz de dividir sua existência em um “antes” e um “depois” que são incompatíveis (Barthes, 2003, p. 27). Confrontado com a mortalidade e refletindo sobre a nova vida que se apresentara diante dele, Barthes enxerga suas práticas de escrita usuais com exaustão. Seu desejo passa, então, a se concentrar em um novo investimento subjetivo: o *Vouloir-Écrire*, denominado por Barthes pelo termo latino *scripturire*, que se trata do desejo de escrever como um impulso único para viver. Desse modo, o presente trabalho busca analisar a aproximação entre Lacan e Barthes a partir da relação entre falta, desejo e escrita.

Palavras-chave: Desejo. Literatura. Psicanálise. Barthes. Lacan.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina.

“Sei disso porque Tyler sabe disso”: nós vamos falar sobre o Clube da Luta

Letícia Chokr Rodrigues (UEL)¹

Resumo: Em 1996, Chuck Palahniuk lançou seu romance de estreia, *Clube da Luta*, que aborda a história de um narrador sem nome, seu misterioso amigo Tyler Durden e o clube de boxe clandestino que fundam. Com a necessidade do sentimento de liberdade impulsionada pela falta de autoestima no personagem narrador (“Talvez nos tornemos uma lenda, talvez não. Eu acho que não, mas espera um pouco” [Palahniuk, p. 6]), que conflita diretamente com a confiança de Tyler (“Seremos uma lenda. Não vamos envelhecer.” [Idem, p. 4]), o livro aborda a insatisfação do personagem principal com a sua existência e a criação de um substituto que o faça fugir da realidade. O objetivo deste trabalho é fundamentar a análise de *Clube da Luta* trazendo um estudo pautado no Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI) que acomete o Narrador, e o confronto do Ego e a Psicologia das Massas, teorias explicadas pelo psicanalista Sigmund Freud.

Palavras-chave: Proposição. Comunicação. Literatura. Psicanálise.

¹ Mestranda em Estudos Literários na Universidade Estadual de Londrina.

A pulsão de morte presente nos contos de “Noite na Taverna”, de Álvares de Azevedo

Luana Ribeiro de Azevedo (UEL)¹

Resumo: “Noite na Taverna” é uma coletânea de contos de Álvares de Azevedo onde um grupo amigos embriagados contam histórias aterrorizantes que contemplam necrofilia, morte, amores trágicos, canibalismo, incesto e infanticídio. Todas as histórias são atravessadas por um tema em comum, o amor que leva à morte. Sob a perspectiva da hipótese freudiana de pulsão de morte, o grupo possui uma relação complexa com Eros (pulsão de vida) e Thanatos (pulsão de morte). Ao reviverem momentos angustiantes em que a pulsão de morte supera os princípios de realidade e autoconservação, os personagens se encontram na compulsão à repetição, revivendo momentos traumáticos sem que isso os traga prazer. Enquanto o vinho, presente na maior parte dos eventos, representa a busca pelo estado inorgânico, anterior à vida, onde as tensões psíquicas seriam finalmente dissolvidas (princípio do Nirvana). Mesmo que a bebida traga desconforto físico e emocional, ela aproxima os personagens dos contos do objetivo da vida, segundo Freud: a morte.

Palavras-chave: Pulsão de morte. Pulsão de vida. Literatura. Psicanálise. Freud.

¹ Discente do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

Casa Tomada: Cortázar e o diálogo com o inconsciente em Freud

Marcos Gabriel da Silva (UEL)¹

Resumo: Este trabalho tem a função de explicitar as conexões entre a obra “Casa tomada” de Júlio Cortázar com as teorias Freudianas sobre o inconsciente, tendo em vista a metáfora da casa como consciência, que se separa em dois espaços: o consciente e inconsciente, buscando traçar paralelos entre os cômodos da casa consumidos por essa força que nos é estranha e inacessível como o inconsciente. Outro fator muito importante para essa equação é o enfoque total que o personagem dá a relação de convivência com a irmã e sua total centralização como figura principal do conto, deixando-se de lado e colocando ela em foco, citando informações que serão essenciais para esta análise, como explicitado neste fragmento de Cortázar (1951, p.7-8) “Entramos nos quarenta anos com a ideia não explicitada de que nosso simples e silencioso casamento de irmãos era o fecho necessário da genealogia estabelecida pelos bisavós em nossa casa.”, que nos mostra uma repressão acerca da relação incestuosa, captada por meio da frase do personagem – narrador. Deste modo o objetivo é utilizar o aporte teórico sobre o inconsciente e recalque para dialogar com a trama e seus personagens intrinsecamente ligados, sendo eles o personagem – narrador, Irene e a casa, que está totalmente ligada ao ID e suas repressões.

Palavras-chave: Inconsciente. Repressão. Incesto.

¹ Discente do curso de Letras Espanhol da Universidade Estadual de Londrina.

Resumo: Esta pesquisa analisa o personagem Paulo Honório, do romance *São Bernardo* de Graciliano Ramos, publicado em 1934. A partir da psicanálise freudiana, o objetivo é demonstrar que a trajetória do protagonista configura um caso de melancolia, conforme descrito em *Luto e Melancolia* (Freud, 1917), e que culmina no domínio da pulsão de morte. A análise parte do movimento metaliterário do romance: Paulo Honório, o personagem narrador, escreve sua própria história como quem tenta ordenar seu caos psíquico. No entanto, o livro que escreve não é uma superação – é o próprio sintoma. Do ponto de vista da alteridade, examina-se a personagem Madalena, esposa de Paulo Honório, não como vítima, mas como figura irredutível à lógica possessiva do protagonista. A sua inteligência, generosidade e autonomia instauram um confronto ético que Paulo Honório não consegue absorver, recalando-o sob a forma de ciúme. Para tanto, examinam-se três momentos: a estruturação obsessiva do personagem sob o domínio da posse, o ciúme como sintoma do recalque diante da alteridade de Madalena e o esvaziamento do eu após a morte da esposa. A análise demonstra que o narrador, ao escrever suas memórias, funciona como uma tentativa fracassada de elaboração do luto, revelando a identificação melancólica com o objeto perdido e a compulsão à repetição característica da pulsão de morte, teorizada em *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1920). Conclui-se que a escrita final não o redime, apenas documenta sua ruína psíquica, tornando seu livro o sintoma de um eu que escolhe o aniquilamento. Ao articular metaliteratura, alteridade feminina, luto e melancolia, o estudo contribui para os debates da disciplina “A Interface Literatura e Psicanálise”, conectando crítica social, dimensão metaficcional e análise psíquica na obra de Graciliano Ramos.

Palavras-chave: Ciúme. Luto. Melancolia. Alteridade. *São Bernardo*.

¹ Estudante especial de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina.

A representação do luto em “Despedida” de Rubem Braga

Maria Eduarda de Souza (UEL)¹

Resumo: Este artigo analisa a crônica *Despedida*, de Rubem Braga, sob a ótica dos conceitos desenvolvidos por Sigmund Freud em *Luto e Melancolia* (1917). O objetivo geral é investigar como o narrador realiza o trabalho de luto e de que maneira a narrativa representa literariamente os processos psíquicos de perda afetiva, ambivalência e reorganização emocional. Metodologicamente, realiza-se uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, pautada na leitura analítica da obra em diálogo com o referencial psicanalítico e psiquiátrico. A análise revela que o texto de Rubem Braga encena um luto saudável, no qual o sujeito reconhece a ausência do objeto amado e preserva a integridade do ego, distanciando-se da autodepreciação, da culpa excessiva e da inibição psicomotora típicas da melancolia e dos quadros depressivos e bipolares contemporâneos. Conclui-se que as imagens poéticas da crônica operam como um espaço de elaboração simbólica, demonstrando a potência da linguagem na superação e no redirecionamento da libido após a perda.

Palavras-chave: Luto. Melancolia. Psicanálise. Rubem Braga. Literatura.

¹ Discente do Curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

Real, Simbólico e Imaginário: A função do espelho na era das telas

Maria Luiza do Prado Teixeira (UEL)

Resumo: Na teoria lacaniana, há três vertentes que se ligam e dependem uma da outra: o Real, o Simbólico e o Imaginário. Elas operam como o Nó Borromeano que só funciona com todas as partes juntas; se uma se romper, as demais se rompem também. Sendo assim, o Simbólico insere o ser humano na sociedade e na comunicação de um sistema que pré-existe, repleto de regras e conceitos estabelecidos desde o nascimento, aprendendo esses significados ao longo da vida, através do ouvir e observar, apesar de que a linguagem não é mais poderosa que o Real. O Imaginário é a percepção de mundo e de si mesmo, nem sempre reflexo da realidade que coloca o ser humano em contato com a ilusão do que é, e do que o outro realmente é. Nele participa o Eu ideal, que traz a ilusão de perfeição de si mesmo, esse faz conexão com o Estádio do Espelho, onde o sujeito é capturado pela própria imagem e se vê como unidade para fugir do corpo fragmentado. Frente ao espelho, a criança vive um dinamismo libidinal, o que forma suas primeiras estruturas psíquicas. Dessa forma, as teorias associam-se perfeitamente às redes sociais, o Simbólico manifesta-se nas legendas e hashtags de forma performática e bonita e o Imaginário nos engana, oferecendo a ideia de que somos lindos, perfeitos e completos. No ambiente digital, a validação antes buscada no pai ou na mãe é substituída pelos likes, visualizações e comentários positivos. Contudo, quando o perfil digital perde o sentido, o sujeito cai novamente no Real, surgindo como aquilo que não pode ser filtrado ou escondido atrás das telas; ele assusta com a verdade que retorna como insegurança, gerando angústia.

Palavras-chave: Real. Simbólico. Imaginário. Eu ideal. Cultura Digital.

O (In)Feliz Aniversário, uma análise do vazio

Maria Victória Veríssimo da Silva Gomes (UEL)¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo fazer uma análise e interpretação do conto “Feliz Aniversário” de Clarice Lispector, a partir de Freud e Lacan, destrinchando como os significantes no conto estruturam-se não a fim de um dizer, mas trabalham para o não-dizer. Uma família em um ritmo ou “arítmico”, sondada por contradições e infelicidades, e mesmo performando-se típica e, aparentemente, um espelho dos papéis tradicionais encontrados nos laços familiares, falta justamente esse laço. O texto percorre o que falta, falta a palavra, falta a conexão, a coesão que arremata o seio familiar, falta a qual a análise busca destrinchar a partir da falta inicial de um filho a qual reverbera no restante da família. O núcleo norteador do trabalho é o olhar aos significantes do vazio e da morte e em como são expressados no texto, buscando seguir o fio que guia essa falta e atravessa esse infeliz aniversário.

Palavras-chave: Lacan. Vazio. Clarice Lispector. Morte.

¹ Discente do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

O desejo e o significante no conto “Amor” de Clarice Lispector

Mariah Martins Poletto (UEL)¹

Rafaela De Souza Falconi (UEL)²

Resumo: O conto “Amor” de Clarice Lispector, retrata a vida cotidiana de Ana, uma mulher com uma vida estável, que é atravessada por um acontecimento que muda sua perspectiva sobre o mundo. Ana, em mais um dia que seria previsível e confortável para ela, se depara, no ponto do bonde, com um cego mascarando chicletes, e isso causa um estranhamento e inquietação, quebrando essa imagem previsível do mundo. Este estudo, parte de uma análise com um viés psicanalítico, do conto de Clarice, o qual retrata conceitos como o princípio de prazer, princípio de realidade, desejo reprimido, retorno do reprimido, pulsão de vida, pulsão de morte, registro simbólico, registro imaginário e registro do real. Sobre essa perspectiva, no conto encontram-se dois “eus/anas”, uma delas pautada nas projeções de estabilidade e outra Ana após esse evento que retrata o significante – cego mascarando chicletes. Ana inicia uma repulsa sobre seu princípio de realidade constituído por uma vida desprovida de felicidade e repleta de desejos reprimidos, após o embate com o retorno do reprimido. O estudo discorre sobre como esse evento “banal” causou sentimentos que podem ser destrinchados por conceitos psicanalíticos e analisados sobre uma óptica freudiana e lacaniana.

Palavras-chave: Amor. Desejo. Significante. Reprimido. Psicanálise.

¹ Discente do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

² Discente do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.

Desejo e repressão atrás da Catedral de Ruão: um olhar psicanalítico sobre o conto de Mário de Andrade

Mateus José Guimarães de Abreu (UEL)¹

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo analisar, sob uma perspectiva psicanalítica, o conto *Atrás da Catedral de Ruão*, de Mário de Andrade (1947). Na narrativa, a personagem Mademoiselle, professora de francês de meia-idade, vê seu cotidiano atravessado por manifestações como lapsos de linguagem, fantasias, sintomas corporais e construções imaginárias que revelam conflitos ligados à sexualidade e ao desejo. A partir do diálogo com a psicanálise freudiana, especialmente com as obras *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901) e *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), propõe-se compreender tais manifestações como expressões do retorno de conteúdos reprimidos. Busca-se investigar de que modo o sintoma emerge como resposta ao recalque do desejo, bem como analisar a relação entre sexualidade, moralidade e repressão, simbolicamente representada pela recorrência dos espaços religiosos ao longo da narrativa.

Palavras-chave: Repressão. Desejo. Mário de Andrade. Psicanálise.

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Estadual de Londrina.

O desejo que queima: uma leitura psicanalítica do conto “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu

Matheus Oliveira da Silva (UEL)¹

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise do conto “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu, à luz da crítica literária psicanalítica freudiana, com o objetivo de compreender como a narrativa representa o desejo homoerótico em tensão com os mecanismos de recalque e com as exigências do princípio de realidade. Centrado na aproximação entre Raul e Saul, dois colegas de trabalho submetidos a um ambiente marcado pela vigilância e pelo preconceito, o conto constrói uma reflexão acerca dos limites impostos às formas não normativas de afeto e desejo. Nesse contexto, investiga-se de que modo elementos simbólicos da narrativa, como a experiência onírica, a recorrência do cigarro e a representação do espaço de trabalho como um ambiente opressivo, figuram conflitos inconscientes relacionados ao desejo e às formas de repressão social. A análise busca evidenciar como esses elementos atuam na construção das subjetividades das personagens, revelando tensões entre impulsos afetivos, vigilância social e normas heteronormativas. Para tanto, mobilizam-se os operadores de leitura da narrativa propostos por Franco Junior (2019), os aportes da crítica psicanalítica discutidos por Souza (2019) e os referenciais teóricos de Sigmund Freud (2018) e Jean Bellemin-Noël (1975), a fim de compreender como o texto literário transforma em linguagem os conflitos ligados ao desejo, ao recalque e às formas de controle social.

Palavras-chave: Caio Fernando Abreu. Literatura. Psicanálise.

¹ Mestrando em Letras na Universidade Estadual de Londrina

“Enivrez-vous”: embriaguez, pulsão e sublimação na poesia baudelairiana

Michela Vieira Prestes (UEL)¹

Resumo: O presente trabalho propõe uma leitura psicanalítica do poema em prosa "Enivrez-vous", de Charles Baudelaire, publicado em *Les petits poèmes en prose*. A análise parte da estrutura imperativa do texto — "Il faut être toujours ivre" — para investigar de que modo o mandato da embriaguez encena, na linguagem poética, um imperativo de gozo à luz da psicanálise. Em seguida, examina-se a figura do tempo como fardo — "l'horrible fardeau du temps" — articulando-a, à luz da psicanálise, aos conceitos de pulsão de morte e de compulsão à repetição. A embriaguez surge, assim, não como simples hedonismo, mas como forma de gozo que ultrapassa o princípio do prazer, que insiste e retorna sem cessar. Por fim, o artigo aborda a sublimação poética como destino pulsional que transforma o excesso do gozo em criação: o próprio poema é a demonstração desse movimento. O diálogo com outros poemas de Baudelaire, como "L'Horloge" e "Correspondances", amplia o enquadramento teórico e evidencia a coerência entre a poética baudelairiana e os conceitos psicanalíticos mobilizados

Palavras-chave: Baudelaire. Pulsão de morte. Sublimação. Poesia francesa.

¹ Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina.

O mal-estar do ex-mágico: uma leitura psicanalítica do conto de Murilo Rubião

Mikael Bezerra de Oliveira (UEL)¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar, a partir dos estudos de Sigmund Freud acerca da psicanálise, o conto “O ex-mágico da Taberna Minhota”, de Murilo Rubião (1916–1991), publicado pela primeira vez em 1947. Na narrativa, a personagem principal, insatisfeita com seus poderes mágicos e com sua própria condição existencial, abandona a atividade de mágico e busca no funcionalismo público uma forma de dar fim a sua vida, contudo, encaminha-se para uma condição de alienação pelo trabalho. Partindo da crítica psicanalítica, pretende-se investigar como o conflito vivido pelo protagonista pode ser compreendido à luz da teoria freudiana das instâncias psíquicas: id, ego e superego, assim como as reflexões desenvolvidas pelo mesmo em “O mal-estar na civilização” publicado pela primeira vez em 1930. Nesse sentido, a recusa da magia e a submissão às exigências da vida burocrática podem ser interpretadas como manifestações do embate entre os desejos individuais e as imposições da ordem social. Busca-se demonstrar que o sofrimento experimentado pelo ex-mágico decorre da impossibilidade de conciliar suas pulsões com as demandas civilizatórias, evidenciando o mal-estar inerente à condição humana. Dessa forma, o elemento fantástico presente na narrativa conflitos psíquicos e sociais que atravessam o sujeito moderno.

Palavras-chave: Murilo Rubião. Fantástico. Psicanálise.

¹ Discente do programa de pós-graduação em estudos literários da Universidade Estadual de Londrina.

Pulsão de vida e pulsão de morte no conto *Cloro*, de María Fernanda Ampuero

Milena Migliorini Celinski (UEL)¹

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura do conto *Cloro*, de María Fernanda Ampuero (2021), a partir da articulação entre os conceitos freudianos de pulsão de vida (*Eros*) e pulsão de morte (*Thanatos*), em diálogo com reflexões de Luce Irigaray (2002; 2017) e Julia Kristeva (2024 [1980]) sobre subjetividade feminina e abjeção. Em *Além do princípio de prazer* (2016 [1920]), Freud formula a coexistência de forças pulsionais que atuam em constante relação: *Eros* promove ligação, criação e permanência, enquanto *Thanatos* impulsiona processos de ruptura, repetição e dissolução. A literatura surge, nesse contexto, como espaço de representação dessas tensões. No conto de Ampuero, a protagonista vivencia uma experiência de dualidade, excesso e limiar, percebendo a si mesma e o mundo por meio de contrastes que tensionam as fronteiras entre pureza e contaminação, desejo e repulsa, vitalidade e decadência. Conforme Irigaray, a exclusão do imaginário feminino da ordem simbólica patriarcal destina a mulher a experienciar-se de forma fragmentada, à margem de estruturas que a representam apenas como reflexo do sujeito masculino. Nesse sentido, a protagonista percebe a si mesma como excesso, resto ou desvio em relação aos ideais de beleza, desejo e integridade que antes organizavam sua identidade. Evocando o conceito de *abjeção* de Kristeva, o abjeto emerge nos momentos em que as fronteiras entre eu e outro, interior e exterior, atração e repulsa se tornam instáveis, constituindo um espaço de encontro entre *Eros* e *Thanatos*, onde a desintegração das formas estabelecidas convive com a emergência de novos modos de subjetivação. Assim, *Cloro* evidencia como a experiência feminina se constrói na tensão entre forças opostas que coexistem e se contaminam mutuamente, reconfigurando a relação da sujeita consigo mesma e com o mundo.

Palavras-chave: Pulsões. Literatura feminina. Abjeção. Subjetividade.

¹ Doutoranda em Letras (Estudos Literários) na Universidade Estadual de Londrina.

O luto, o desejo e a morte

Milene Aguiar Costa Câmara (UEL)¹

Resumo: Esta apresentação pretende analisar um pequeno recorte do romance *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë, tendo como foco os últimos momentos da vida terrena de Catherine Earnshaw através das perspectivas psicanalíticas, principalmente freudianas, sobre o desejo, o luto e a morte. Catherine morre poucas horas após dar à luz a sua filha, Cathy, acometida pelo que um dos narradores de Brontë define como “febre cerebral”, resultado de uma série de fatores estressores, indo desde uma greve de fome até a perda da própria sanidade, que afetam diretamente seu estado psíquico. Ao considerarmos que tanto o desejo quanto o luto têm como cerne a ausência de algo, seja isso real ou idealizado, a morte de Catherine assume novas facetas. Desta forma, torna-se essencial entender como a constante negação da libido do objeto — seu amado Heathcliff — leva Catherine repetidamente à pulsão de morte.

Palavras-chave: Literatura inglesa. Psicanálise. Romance.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina.

O sentimento do mundo e a regressão narcísica na melancolia

Rebeca Guimarães Reinaldo (UEL)¹

Antonio Cândido Martins da Silva (UEL)²

Resumo: Este artigo tem como objetivo observar como a regressão à fase narcísica se dá, por conta da melancolia, no eu-lírico do poema *Sentimento do mundo* de Carlos Drummond de Andrade. A análise se baseará no conceito de melancolia apresentado por Freud (2010) no texto *Luto e melancolia*. É mister sublinhar, primeiramente, a diferença essencial entre o luto e melancolia: no luto o há ciência do objeto perdido; na melancolia tem-se uma espécie de luto, mas o afetado não consegue identificar o que foi perdido. Dessa forma, enquanto no luto o investimento libidinal destinado ao objeto perdido se deslocará para outro, na melancolia esse investimento apresentará resistência para deslocar-se e recuará para o Eu, iniciando o processo de regressão narcísica. Tendo isso em vista, é preciso destacar, também, a condição do eu-lírico no poema de Drummond, que se situa em meio as tensões do período de implementação do Estado Novo no Brasil concomitante com o período da Segunda Guerra Mundial. Levando o exposto em conta, o artigo visa dissecar os traços melancólicos (e narcisistas) do eu-lírico implicados no poema de Drummond.

Palavras-chave: Melancolia. Regressão narcísica. Literatura. Psicanálise.

¹ Discente do curso de Letras Português da Universidade Estadual de Londrina.

² Discente do curso de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina.

Viver o luto na infância: ponderações a partir de *O pintor*, de Lygia Bojunga

Sonia Pascolati (UEL)¹

Resumo: Como, aos 10 anos de idade, entender o suicídio de um amigo querido? Claudio, protagonista do texto dramático de Lygia Bojunga, é surpreendido pela morte repentina de seu amigo pintor e a ação dramática apresenta os expedientes de que ele lança mão para elaborar o luto e apaziguar a própria dor. Como suporte à análise literária de *O pintor*, lançarei mão dos conceitos de morte e luto de acordo com a Psicanálise, especialmente como discutido por Freud em *Luto e melancolia*, a fim de destacar imagens e metáforas a partir das quais a obra literária confronta o leitor, jovem ou não, com temas tratados como tabu por adultos e considerados fraturantes ou polêmicos para a infância.

Palavras-chave: Literatura infantil. Dramaturgia. Luto. Psicanálise.

¹ Docente do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas e do Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Londrina.

A obra *o Estrangeiro* pelos olhos da crítica literária psicanalítica: uma análise dos conceitos de Grande Outro e de pequeno outro na Argélia colonial

Tainá Cristina de Souza Eurinídio (UEL)¹

Resumo: A obra *o Estrangeiro*, de Albert Camus, foi publicada no ano de 1942. Embora realizada no contexto da Argélia colonial, a obra foi tradicionalmente estudada pela crítica literária em uma perspectiva existencialista, deixando para o segundo plano as dimensões fáticas e concretas de seu momento de produção. Nesse sentido, a crítica literária privilegiou uma interpretação mais filosófica da obra, na qual o personagem principal era visto como deslocado de seu contexto histórico, desgarrado das percepções de seu tempo, uma espécie de estrangeiro no mundo, desvinculado das amarras e pressões sociais de seus semelhantes. O presente trabalho, no entanto, tem como objetivo situar a obra em um contexto de criação, analisando não apenas a figura de Meursault, mas sobretudo como as relações com os demais personagens da obra foram construídas, em especial o árabe assassinado. Em vista disso, a ideia é analisar a obra *o Estrangeiro*, de Albert Camus, através dos conceitos lacanianos de Grande Outro e de pequeno outro, destacando como essas categorias podem auxiliar a compreensão da obra, para além de sua dimensão existencialista. A pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, fundamentada na crítica literária psicanalítica. Realiza-se a análise textual do romance *O Estrangeiro*, articulando os conceitos lacanianos de Grande Outro e de pequeno outro aos estudos acerca da Argélia colonial. Espera-se, portanto, demonstrar a figura de Meursault não apenas como um sujeito existencialmente alienado, mas um personagem cuja relação com o Grande Outro é estruturada pelas formas simbólicas da colonialidade francesa na Argélia. Consequentemente, de que forma as relações com essa colonialidade simbólica determinam a relação com os pequenos outros, sobretudo, o árabe assassinado pelo protagonista.

Palavras-chave: O Estrangeiro. Crítica literária psicanalítica. Grande Outro. Pequeno outro. Argélia Colonial.

¹ Mestranda em Letras na Universidade Estadual de Londrina.

O infamiliar e o retorno do recaiado no poema “O Morcego”, de Augusto dos Anjos

Vitor da Silva Gonçalves (UEL)¹

Resumo: Em “O Infamiliar” (1919), Sigmund Freud estreita as relações entre Psicanálise e Estética a partir da caracterização da impressão de estranheza oriunda do retorno de algo anteriormente conhecido que depois de muito tempo esquecido vem à tona de forma transfigurada e perturbadora. Tal impressão, à qual estão suscetíveis as percepções da vida cotidiana e as produções estéticas, a exemplo da literatura, é chamada de “Infamiliar” (Unheimlich) e tem raízes em relações inconscientes basilares do desenvolvimento psicosssexual infantil, como a angústia de castração e o retorno do recaiado sob formas substitutivas de representação. A transformação do familiar em infamiliar, ligada à supressão do primeiro sob o segundo, tese central de Freud, é amparada pela sua análise das derivações do vocábulo em diferentes idiomas, mostrando uma relação de ambivalência entre os dois termos. No ensaio, o pensador percorre o enredo da novela “O Homem de Areia”, de E.T.A Hoffman, buscando exemplos do sentimento infamiliar à luz dos processos psíquicos mencionados anteriormente. A partir das intersecções entre psicanálise e crítica literária, esta comunicação objetiva analisar o poema “O Morcego”, de Augusto dos Anjos, presente no livro “Eu” (1912), a partir da teoria do infamiliar em Freud. Em consonância com Antonio Candido, que diz que a análise de um poema se dá pela percepção de suas tensões, será feito o esforço de observar no texto do escritor simbolista a tensão semântica criada frente ao insólito de seu acontecimento inicial: o encontro com um morcego ao abrir a porta do quarto de dormir durante a noite. A presença indesejada, que angústia o eu lírico, e insiste em se fazer presente mesmo que oposta aos seus esforços de repeli-la, pode ser entendida enquanto metáfora para o recaiado, o qual sempre vem à tona independente dos esforços psíquicos em ocultá-lo.

Palavras-chave: Psicanálise. Infamiliar. Literatura. Recalque. Representação.

¹ Discente do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina.